



INSTITUTO FEDERAL
MINAS GERAIS
Reitoria

Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação
e Pós-Graduação



SEMINÁRIO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Resumo Expandido

Título da Pesquisa: O imaginário científico sobre o corpo construído pela mídia (1968-2011)		
Palavras-chave: Corpo, mídia, tecno-ciência, imaginário.		
Campus: São João Evangelista	Tipo de Bolsa: PIBICJR	Financiador: FAPEMIG
Bolsista (as): Allana de Cássia Batista Barroso e Genival Souza Bento Júnior		
Professor Orientador: Célia Aparecida Rocha		
Área de Conhecimento: Ciências Sociais		

Resumo: Este estudo investiga o imaginário científico acerca do corpo, construído e veiculado pela Revista Veja (1968-2011). O objetivo deste trabalho é compreender, com base na tecno-ciência, as representações de corpo construídas e veiculadas pela mídia impressa e sua importância na construção e transformação de significações imaginárias científicas, nas diferentes décadas analisadas, em relação a questões de gênero, sexo e raça. A partir de uma perspectiva histórica, com base no conceito de representação e prática social de Chartier, na análise discursiva de Pêcheux e Orlandi e na concepção de imaginário social de Castoriadis, o fio condutor desta investigação será a análise dos discursos textuais e imagéticos sobre o corpo na mídia impressa, de 1968 até 2011, cujos sentidos são construídos com base nas três principais áreas da tecno-ciência contemporânea: a informática, as telecomunicações e as biotecnologias.

INTRODUÇÃO

Este estudo é continuação de uma pesquisa que analisou o imaginário científico sobre o corpo entre 2000 e 2006 (ROCHA, 2007). Com base nessa investigação, este projeto problematiza as mudanças das representações da vida humana mediadas pela tecnologia e veiculadas pela mídia impressa, com a intenção de compreender o período não abordado na pesquisa anterior, compreendido entre 1968 e 2011. Nossa análise se baseia no entendimento da mídia como um gênero de discurso significativo na compreensão da formação do imaginário social acerca da ciência e sobre formas de ser e agir na sociedade contemporânea.

A contínua e acelerada mudança tecno-científica impactou profundamente os corpos na sociedade contemporânea, cuja construção acontece por meio da vivência da tecnologia, mas também, através da veiculação de representações construídas pela grande imprensa. No caso deste estudo, o meio de informação de massa escolhido como fonte de pesquisa foi a revista de publicação semanal: *Veja* (1968-2012).

Conhecer a natureza sempre esteve presente na história da vida humana. Nesta história, o corpo, como parte da natureza, também foi alvo de conhecimento. A concepção que se tem de corpo (a cada época) importa na maneira de lidar, educar, disciplinar e organizar a sociedade. Mesmo entendendo que não dá para reduzir os rituais e processos de simbolização e diferenciação dos corpos à funcionalidade, é preciso considerar que, de acordo com este conhecimento, princípios e dispositivos foram e são criados para adequar, corrigir, vigiar, subordinar os corpos nas mais diversas instituições sociais. Do corpo cárcere ao corpo máquina, sempre houve a tentativa de superação da miserabilidade humana através da educação e do conhecimento dos corpos. A educação dos corpos tem dependido da ciência ou do que se concebe como tal,

seja no conhecimento específico sobre o corpo, seja no entendimento cultural de que vivemos em meio a objetos forjados por um complexo que podemos nomear de tecno-científico.

Vivemos uma época em que a transformação e as tentativas de se explicar o homem são inerentes a tecno-ciência – novas tecnologias da biologia, da comunicação e da informação – questões éticas, educativas, jurídicas, religiosas são colocadas em pauta. A reflexão da relação entre corpo e ciência nos leva a questionamentos sobre a manipulação desta ciência sobre o corpo, conseqüentemente sobre a sociedade. Com esta afirmação não estamos negando a contribuição da ciência para a vida humana, apenas estamos problematizando o conhecimento do corpo na história. Na modernidade, assim como a natureza, o homem torna-se objeto da ciência, que busca descobrir parte a parte sua constituição. Além da tentativa progressiva de desvelamento da anatomia e da fisiologia corporal, a busca tem sido no sentido de descobrir o segredo da vida. Este momento pode ser considerado crucial em relação à visão antropológica, onde se opera a divisão do mundo e do humano. O homem passa a agir e a se ver diante das coisas como sujeito frente à objetificação do mundo. O próprio corpo é considerado como um objeto que o homem possui e não como aquilo que o homem é. Assim, distinto do mundo sensível, o homem assume o papel daquele que opera sobre a natureza, que precisa ser decifrada, ou seja, descoberta, controlada, manipulada. O corpo como parte da natureza, também precisava ser descoberto, controlado, manipulado.

No decorrer da nossa história, o corpo fora categorizado de diversas formas, como objeto até a categorização enquanto sujeito. Enquanto objeto, diversas metáforas também foram usadas para conceber o corpo, como a metáfora da máquina, do cárcere, do pecado, do ciborgue. Se olharmos pela ótica da razão instrumental¹, no contexto discursivo científico, a partir do século XVII, veremos um corpo-objeto, o que pressupõe no ser humano, um sujeito localizado fora do corpóreo. Esta fronteira alicerçou o conhecimento científico desde então, o que originou e acentuou diversas fronteiras: a divisão natureza-cultura, natural-artificial, corpo-mente, humano-inumano, organismo-máquina etc. Entretanto, atualmente, estas fronteiras encontram-se borradas, confusas, e/ou talvez estejamos no extremo destas fronteiras ou em um lugar onde não podemos mais falar destas categorizações da mesma maneira como falávamos antes. Isto é devido ao avanço da tecno-ciência que possibilita a reconfiguração dos corpos. Esta reconfiguração pode ser traduzida pelo gerenciamento, modificação e criação da vida, pela união de corpos orgânicos com máquinas, pela inteligência artificial, pela virtualização de relações e sensações, pela presença exponencial da tecnologia na vida humana.

Estes planos de desenvolvimento técnico-científicos possibilitam novos paradigmas para velhas dicotomias (corpo-mente, natureza-cultura, natural-artificial, humano-inumano, organismo-máquina), possibilitam também a remodelação obsessiva dos corpos (cirurgia plástica, remédios, exercícios físicos, recordes humanos), possibilitam a injustiça social ou justiça social, possibilitam o retorno ao projeto eugênico da população. Podem originar a criação de biossociedades, enfim, podem resolver vários problemas do homem, como podem também ameaçar o futuro da humanidade enquanto espécie. Tudo isto, além de ser uma forma de conhecimento, interfere na forma de educar, formar, construir os corpos na sociedade.

Portanto, nos interessa, neste estudo, perceber a formação de um imaginário científico sobre o corpo. É por isto que neste trabalho, não nos interessa apenas a divulgação científica sobre o corpo, mas também a divulgação de todo o complexo da tecno-ciência, no qual o corpo está inserido. Perceber o corpo

¹ Estamos nos referindo à divisão do mundo em sujeito e objeto operada pelo mecanicismo cartesiano, a partir do século XVII.

neste contexto pode nos ajudar a entender também a legitimação da ciência em nossa cultura, assim como, pode ajudar a entender melhor a sociedade através de seus corpos.

METODOLOGIA:

O presente estudo tem uma perspectiva histórica, baseada na abordagem qualitativa da identificação, análise e interpretação das representações a serem investigadas com o objetivo de compreender a formação de um imaginário científico acerca do corpo, a partir dos discursos formulados pela mídia impressa. O conceito de imaginário social será essencial neste trabalho, cuja abordagem será guiada pela concepção de Castoriadis (1982). Através de suas reflexões, buscaremos as condições teórico-conceituais, cuja sustentação nos possibilite compreender a complexidade da formação do imaginário, que nos parece ser, em decorrência das características do nosso estudo, o caminho mais propício a ser incorporado. Outras contribuições relevantes ao estudo das produções imaginárias na sociedade serão a de Baczkó (1985), a teoria de Chartier sobre representações, os princípios e procedimentos em análise do discurso de Pêcheux e Orlandi. É claro que, somam-se a estes, outros importantes nomes a serem incorporadas em nossa análise das formações imaginárias.

Levantamos dados da Revista *Veja* referentes ao período de 1968-2011. A partir de 1950 a revolução da informação, decorrente da potencialização da tecno-ciência. Este fenômeno confere um poder exponencial na reconfiguração do corpo e na tecnologia da vida. Os exemplares estão disponíveis no acervo digital da Revista *Veja*, no *site* da Abril. As revistas analisadas foram escolhidas através das manchetes das capas e principalmente das imagens das capas, que contêm a atuação da ciência e da tecnologia sobre o corpo e sobre a vida em destaque, no período recortado. Aplicamos este critério de seleção de acordo com as seguintes categorias: corpo, ciência e tecnologia. Nos concentramos nas matérias e imagens dedicadas ao conhecimento científico sobre o corpo e que envolvem a tecnologia da vida.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Na tentativa de compreender a apropriação e divulgação do conhecimento científico sobre o corpo, na Revista *Veja*, procuramos entender como se deu a distribuição temática deste objeto nesta revista, no período entre 1968 e 2011. Nossa intenção inicial foi selecionar para análise todas as capas com a imagem do corpo humano, que estivesse relacionada com alguma área da tecno-ciência e vinculada à dimensão biológica e médica. Após esta seleção, passaríamos à análise dos discursos e matérias jornalísticas referentes a estas capas.

Nesta etapa da pesquisa percebemos que seria importante não nos atermos apenas à categoria biológica e médica. Além dessa perspectiva, outras dimensões deveriam ser consideradas na pesquisa, uma vez que poderiam enriquecer a análise do conhecimento científico sobre o corpo divulgado pela mídia impressa. Procedemos então, à seleção também das revistas que contêm dimensões da tecno-ciência a partir de imagens do corpo relacionadas à tecnologia computacional, informática, automação, biossociabilidade etc.

As imagens do corpo relacionadas à tecno-ciência encontrados foram classificados nas seguintes categorias: informática, saúde, genética. Estas categorias foram por sua vez, foram divididas em subcategorias, do seguinte modo:

- a) informática: computação, automação, informação, tecnologia assistiva (dispositivos, técnicas, processos - ex. reabilitação de deficiências.);
- b) saúde: estética, *performance*, prevenção, sexo e comportamento, dietas, obesidade e doenças, atividade física;
- c) genética: criação, evolução, fenótipo e genótipo, fisiologia, cura e tratamentos, biosociabilidade;

Pela identificação das categorias acima citadas, realizada no arquivo Coleções da Revista Veja, identificamos alguns dados importantes, como por exemplo: a época que determinado tema começou a ser divulgado, o que prevaleceu em determinada década, quais são os corpos que aparecem nas diversas categorias, como o corpo é retratado de acordo com o conhecimento científico da reportagem. Estas questões são fundamentais para o entendimento de qual divulgação científica sobre o corpo e com o corpo foi realizada desde 1968.

No início da revista (1968) e durante a década de 1970, predominou reportagens de capa na revista sobre política nacional e internacional. Também foi frequente neste período (1968, 1969 e 1970), matérias sobre astronomia relatando a viagem do homem à lua. Matérias sobre esportes, especialmente o futebol, sempre estiveram presentes como reportagem de capa desde 1969. As reportagens sobre saúde relacionando ciência e dieta, plástica, emagrecimento, remédios e técnicas não foram frequentes nas capas da revista antes da década de 1990. O mesmo aconteceu com o tema ciência e sexo, informática e atividade física. Abaixo, apresentamos alguns dados sobre as primeiras reportagens de capa relacionadas com as categorias de análise utilizadas nesta pesquisa:

REPORTAGENS DE CAPA	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	ANO DE PUBLICAÇÃO	N. DE ANOS APÓS 1ª EDIÇÃO
Os discípulos de Cooper	Saúde	Atividade física	1972	4
Emagrecimento	Saúde	Dietas	1974	6
Ciência do sexo	Saúde	Sexo	1975	7
A revolução do computador ²	Informática	Computadores	1981	13
Genética: a ciência que muda o mundo	Genética	Criação	1981	13
Computador: você ainda vai ter um	Informática	Computadores	1993	25

Fonte: REVISTA VEJA, 1972, 1974, 1975, 1981, 1993.

Na próxima etapa da pesquisa faremos a tabulação de dados e análise do discurso das categorias acima elencadas, com o objetivo de perceber como o conhecimento científico legitima questões complexas, como as de gênero, sexo e raça. Nesse momento da análise, temos a intenção de contextualizar a chamada **revolução técnico-científica** a partir de 1968. Este momento é importante, no sentido de possibilitar a percepção das características da sociedade pós-industrial e as consequências da chamada revolução da informação. Esta reflexão será ancorada na problematização da questão da técnica na vida humana. Este momento contemplará também, uma análise da tecno-ciência contemporânea, como forma de saber-poder,

² Esta edição não apresenta imagens do corpo.

onde buscaremos refletir acerca dos conceitos 'biopoder' e 'biopolítica' de Michel Foucault e sua subsequente atualização, principalmente através das abordagens filosóficas realizadas por Antônio Negri, Michel Hardt, e Paul Rabinow.

CONCLUSÕES:

Esta etapa de categorização da revista, a partir da perspectiva tecno-científica, foi fundamental para a compreensão da criação de padrões e comportamentos estereotipados e idealizados sobre a existência corporal para além da dimensão médica e biológica. Isto está implícito não apenas no discurso escrito, mas também pela forma, lugar e definição de qual imagem de corpo é usada em cada manchete. A autoridade científica é usada para legitimar crenças, valores, opiniões, lugares sociais, processos, técnicas etc. As imagens fazem parte desta construção, pois são elas que ajudam a construir o discurso.

A revista *Veja* como veículo midiático que se constituiu e se constitui uma enorme potencialidade de divulgar a ciência. Os veículos de comunicação de massa mantêm um forte vínculo com a realidade, portanto, com o enraizamento e circulação de ideias. Ao tratarmos da categoria do imaginário neste trabalho, estaremos tentando compreender uma instância da realidade e não um reflexo do real.

Entendemos que o discurso é uma instância fundamental para análise das significações imaginárias de uma dada sociedade. O que envolve a análise de textos e imagens que carregam em si idéias, conceitos, noções, valores, sentidos, expectativas, práticas em relação ao que é enunciado. A linguagem (CASTORIADIS, 1982) é essencial nas suas considerações sobre o imaginário, cuja significação remete-se às representações dos indivíduos. A significação da linguagem modela, suscita, induz, permite as representações dos indivíduos (CASTORIADIS, 1982). Assim, consideramos que a produção discursiva dos textos escritos e imagéticos da grande imprensa merece destaque nas investigações das significações imaginárias da sociedade.

Os textos da revista analisada não apenas tratam de transmitir informações ou mensagens, mas de pensar o discurso. Isto significa que a análise do discurso não considera a linguagem transparente, mas que o texto tem uma materialidade simbólica própria criativa, isto possibilita a construção de um conhecimento a partir do próprio texto (ORLANDI, 1999, p. 18). "O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem" (ORLANDI, 1999, p. 42). Como observa Orlandi (1999), é preciso considerar as relações de força, de sentido e de antecipação como mecanismos de funcionamento do discurso que assentam-se nas formações imaginárias. Sendo assim, considera-se que a imagem tem uma poderosa força na produção discursiva.

Por fim, entendemos que não apenas a escola é responsável pela transmissão de conhecimentos, crenças e opiniões, mas sobretudo os veículos de comunicação de massa têm uma importância fundamental na vulgarização da ciência, conseqüentemente na formação de um imaginário científico no qual o corpo está inserido. Se através destes veículos as pessoas têm acesso à ciência, é importante refletirmos sobre a mídia como constituição de espaços de conhecimento, crenças e opiniões que veiculam práticas e representações científicas sobre o corpo e a subjetividade.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, B. *A imaginação social*. In. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 283-347.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. *O mundo como representação*. Estudos Avançados – USP, 1991. v. 5. nº. 11, jan./abr./, p. 173- 191.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 20. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio; VARGAS, Berilo. *Império*. 4. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002. 501 p.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso - Estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccinelli orlandi. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.
- RABINOW, Paul. *Antropologia da razão – ensaios de Paul Rabinow*. Rio de janeiro: Relume Dumará, 2002.
- REVISTA VEJA de 1968 – 2012.
- ROCHA, Célia A. . O imaginário científico sobre o corpo construído pela mídia a partir de 1950. In: Simpósio Nacional de História, 24, 2007, São Leopoldo. *Anais...Simpósio Nacional de História: História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*, 2007.